

Arqueologia | Digital. Apontamentos sobre os limites e as possibilidades das condições de diálogo com os fragmentos do passado

Sérgio Gomes

Universidade de Coimbra

CEAACP

Resumo: A escavação arqueológica é uma intervenção que se desenvolve num trabalho de tradução material dos vestígios do passado: o modo como irromperam num determinado contexto histórico; o modo como as condições desse contexto se rompem e produzem fragmentos que são reapropriados em dinâmicas materiais de natureza distinta; e o modo como tais fragmentos são constituídos em objetos de estudo de um projeto de conhecimento disciplinar. Ao conjunto de objetos de estudo que emergem nas intervenções arqueológicas dá-se o nome de registo arqueológico. Um registo: que se faz num entrecruzamento de traços; cuja temporalidade permite ensaiar um diálogo com o passado. O trabalho de tradução material arqueológica tem uma natureza háptica. Os vestígios encontram-se estratificados, sendo necessário tocar e de-compor estes estratos. Tocar nestes estratos para fazer a sua de-composição é condição para fazer emergir os objetos e fazer emergir as linhas do seu estudo. Esta natureza háptica da intervenção permite que a disciplina seja recetiva a contributos de outras áreas; nomeadamente, a agentes e estratégias de atuação provenientes da área digital. As virtualidades técnicas digitais permitem expandir o trabalho de tradução que anima a prática arqueológica, expandindo a topografia dos movimentos na qual se faz o estudo dos vestígios do passado. Os meios e as formalizações de registo, arqueológicos e digitais, entrecruzam-se exponenciando as possibilidades de criar e partilhar conhecimento. Da vontade de descobrir o passado e dos profícuos caminhos do escrutínio possibilitado pelos meios emerge um desejo de fazer ver e fazer falar os vestígios que nem sempre dá conta do silêncio e da distância em que se encontra o passado. Desejos que nos fazem esquecer que a intervenção arqueológica é um ímpeto de

precisar o toque em que a singularidade dos vestígios se manifesta. Um ímpeto face a um sentimento de im-possibilidade com qual se desenvolve o trabalho de tradução em arqueologia; um ímpeto que anima a im-possibilidade de se aceder à diferença do passado; de conhecer o segredo dos fragmentos e o prazer de os tocar. Neste texto vamos considerar que a arqueologia, na sua relação com os meios digitais, para além do alargamento das suas possibilidades de conhecimento, reforça também a percepção do segredo que cada fragmento do passado comporta; da sua diferença. A partir desse segredo, construído pela técnica e pelo pensamento epistemológico, é possível reacender o conhecimento arqueológico como decorrente de uma prática ética sobre a diferença. Uma prática na qual temos a oportunidade de exercitar a alteridade necessária para receber os desafios da era do digital.

Palavras-chave: Mediação, tradução, diferença, irredutibilidade

Résumé: Les fouilles archéologiques sont une intervention qui se développe lors d'un travail de traduction matérielle des vestiges: la façon dont ils apparaissent dans un contexte historique défini; la façon dont les conditions de ce contexte se distinguent et produisent des fragments qui se retrouvent dans des dynamiques matérielles de diverses natures; et la façon dont ces fragments sont définis en objets d'étude d'un projet de connaissance disciplinaire. L'ensemble de ces objets d'étude apparaissant lors de fouilles archéologiques s'appelle un registre archéologique. Un registre: fait dans un entrecroisement de traces; dont la temporalité permet de dialoguer avec le passé. Le travail de traduction matérielle archéologique possède une nature haptique. Étant donné que les vestiges sont stratifiés, il faut donc toucher et décomposer les strates. Toucher ces strates pour les décomposer permet d'en faire ressortir les objets et lignes d'étude. La nature haptique des fouilles rend la discipline réceptive aux contributions des autres domaines; à savoir les agents et stratégies d'intervention de l'ère digitale. Les possibilités techniques digitales permettent d'approfondir le travail de la traduction qui anime l'archéologie, d'élargir la topographie des mouvements dans laquelle se déroule l'étude des vestiges. Les moyens ainsi que les formalisations des registres, archéologiques et digitaux, s'entrecroisent afin d'accroître les possibilités de création et de partage de connaissance. Un désir de faire voir et faire parler les vestiges, qui ne rend pas forcément compte du silence et la distance où se situe le passé, naît de la volonté de découvrir le passé et des approfondissements rendus possibles par les nouveaux moyens disponibles. Ce désir nous fait oublier que les fouilles archéologiques proviennent d'une envie de toucher dans laquelle la singularité des vestiges se manifeste. Une envie face à un sentiment d'im-possibilité dans lequel se développe le travail de traduction en archéologie; une envie qui anime l'im-possibilité d'accéder à la différence du passé; de connaître le secret des fragments et le plaisir de les toucher. Dans ce texte, nous allons considérer que l'archéologie, dans sa relation avec les moyens digitaux, outre l'élargissement des possibilités de connaissance, renforce également la perception du secret renfermé dans chaque fragment du passé; de sa différence. À partir de ce secret, construit grâce à la technique et à la pensée épistemologique, il est possible de transformer la connaissance archéologique en une pratique éthique sur la différence. Une

pratique dans laquelle nous avons l'opportunité d'exercer l'altérité nécessaire pour relever les défis de l'ère du numérique.

Mots-clés: Médiation, traduction, différence, irréductibilité

Introdução

Neste texto, analisamos o uso de meios digitais no estudo dos vestígios materiais do passado. A arqueologia, enquanto disciplina, define-se pela possibilidade de gerar análises críticas que visam a compreensão da diferença do passado. Nesta gestação de questões e procedimentos de análise, são acolhidos os meios técnicos disponíveis, tendo como objetivo a multiplicação das condições de produção do conhecimento. Ao acolher novos equipamentos e novas estratégias de análise, a arqueologia cruza as condições das suas práticas com as condições de outras formas de intervenção e, neste cruzamento, refaz-se enquanto disciplina; refaz-se, colocando-se em face aos desafios que emergem na circulação dos dispositivos técnicos e dos limites e possibilidades de ação que cada dispositivo comporta. Considerando esta dinâmica de transformação em que se insere o uso de meios digitais em arqueologia, este texto encontra-se estruturado em três pontos que repetem e revisitam uma ideia central: o uso de meios digitais veio lembrar que a arqueologia é um conjunto articulado de técnicas de análise, com as quais se pretende exceder as possibilidades de aceder à diferença do passado; uma diferença que na sua esquivaz interpela a repensar aquilo que a técnica dá a conhecer. Cada congregação de técnicas reconfigura as possibilidades de aceder a tal diferença em fuga, possibilitando que tal diferença, e a sua fuga, seja compreendida diferentemente.

O primeiro ponto centra-se nas linhas gerais do diálogo entre a prática arqueológica e o mundo digital, chamando a atenção para as consequências da entrada da figura do usuário do mundo digital na prática arqueológica. No segundo ponto, entre as linhas gerais do diálogo entre a arqueologia e o mundo digital, destacamos o modo como os meios digitais exponenciam as possibilidades de registo da arqueologia, refazendo os seus projetos de cópia e arquivo e, por conseguinte, as condições da

relação dos arqueólogos com o(s) seu(s) objetos de estudo e com a irredutibilidade dos vestígios do passado. O último ponto centra-se em tal irredutibilidade dos vestígios, no modo como os meios digitais tanto podem ser uma forma de dar voz ao silêncio dos vestígios como podem ser uma ameaça à singularidade das coisas e à inquietação que cada coisa tem para oferecer.

Arqueólogos e usuários

A utilização de meios digitais é um movimento crescente em arqueologia. O uso de ferramentas e modos de intervenção digitais tem sido acompanhado por diversos debates acerca das suas implicações no modo como os arqueólogos estudam os vestígios materiais do passado (*e.g.* Evans / Daly 2006; Forte 2010; Averett *et al.* 2016; Forte / Campana 2016). Nestas discussões, é demonstrado como a novidade dos dispositivos digitais pode acionar diferentes experiências no desenvolvimento da prática arqueológica, multiplicando as possibilidades de subjetivação/objetivação de arqueólogos e de perspectivas sobre os vestígios materiais do passado. Com efeito, é inegável que os meios digitais vieram possibilitar novos circuitos de trabalho na aquisição, tratamento, análise e disseminação de dados. Tais possibilidades permitiram reconfigurar as dinâmicas de constituição de objetos de estudo, equacionamento de campos de análise e de desenvolvimento de diagramas interpretativos com os quais se forja o conhecimento do passado. Estas recombinações não são específicas da arqueologia, inserindo-se num quadro mais abrangente que reporta às humanidades em geral (*e.g.* Svensson / Goldberg 2015; Schreibman *et al.* 2004). Um quadro mais abrangente em que é possível apreender a trama entre a *bios* e a *technê* e o papel das humanidades na reconfiguração das combinações de tal trama (*e.g.* Martins 2011a; Martins 2015).

A propósito do impacto que os meios digitais possam estar a ter em arqueologia, é de salientar a posição da equipa do Kaymakçı Archaeological Project (Roosevelt *et al.*, 2015). Esta equipa propõe que se entenda o uso dos meios digitais enquanto uma mudança paradigmática, devido às suas possibilidades de exponenciarem a relação dos arqueólogos com os vestígios e com o seu registo (*idem*: 342). Partindo da tradicional

ideia da escavação arqueológica como um ato de destruição orientado por uma ideia de registo que permite a revisitação e revisão daquilo que foi destruído, a equipa defende que uma prática de escavação, suportada por meios digitais de intervenção, é uma prática de digitalização, dando como exemplo o trabalho de campo que desenvolvem. Esta experiência, leva-os a glosar com expressão “excavation is destruction” sugerindo que “excavation is destruction digitization” (*idem*: 325). Encarar o uso de meios digitais enquanto mudança paradigmática talvez seja excessivo, na medida em que, aparentemente, não existe propriamente uma descontinuidade nas questões e nas propostas de explicação que conferem unidade à disciplina (Patrick / Evans 2006: 7; Zubrow 2006; Gordon *et al.* 2016: 5-11). Porém, no crescente diálogo da arqueologia com o mundo digital, há diferenças que podem estar a criar as condições para uma transformação mais profunda da disciplina.

Na sua ligação ao mundo digital, a prática arqueológica vai acolhendo novos dispositivos e novas subjetividades que, por sua vez, aportam diferenças ao modo como os arqueólogos podem desenvolver o seu trabalho de mediação com os vestígios do passado (Webmoor 2008; Shanks / Webmoor 2012; Olsen *et al.* 2012: 122-135). Nestas diferenças, é de salientar a primazia da figura do usuário no mundo digital. Face a tal dinâmica, a autoridade de produção e distribuição de conhecimentos dos arqueólogos é desafiada. Com efeito, os inúmeros usuários, que constantemente se reapropriam do conhecimento, ou informação, disponibilizada, passam a ser agentes que contribuem ativamente no trabalho de mediação, acrescentando diferentes perspetivas que destabilizam a dinâmica meritocrática em que a arqueologia se instituiu enquanto saber autorizado (Olsen *et al. ibidem*). A mobilização e os agentes do mundo digital exigem, desta forma, que se repense a natureza e a finalidade do registo arqueológico e dos arquivos de intervenções arqueológicas nestas novas redes de circulação de informação, nas quais, constantemente, se atualizam “os circuitos entre materiais arqueológicos, instituições, arqueólogos, repositórios analógicos e bases de dados digitais animadas por uma rede de usuários” (*idem*: 133 – original em inglês). Esta dinâmica de interação pode resultar numa política de democratização do acesso a informação e aos meios de a tornar significativa (*e.g.* Massung 2012; Brughmans 2012; Richards 2012; Pietroni 2016; Olivito *et al.* 2016; Poehler 2016), promovendo também uma política de cooperação na

produção do conhecimento, integrando perspectivas de agentes tradicionalmente excluídos deste processo (Olsen *et al. ibidem*). Desta forma, o mundo digital potencia a arqueologia enquanto uma prática de procura e de integração da diferença, permitindo aos arqueólogos rever as dinâmicas meritocráticas, burocráticas e tecnocratas nas quais se constituíram enquanto elite social e profissional.

Nos circuitos possibilitados pelos meios digitais, a ubiquidade dos meios digitais realça a ubiquidade do passado (Thomas 2004: 170-171) e a variabilidade dos modos de explorar a memória dos seus vestígios materiais (Olsen *et al. idem*; Webmoor *idem*; Witmore 2009). Desta perspectiva, os meios digitais podem ser usados no sentido de demonstrar que o passado não é tanto como que um tempo fossilizado a ser recuperado, mas um projeto de conhecimento em aberto que visa atualizar as condições do presente e as suas possibilidades de devir (Witmore *idem*, Thomas *idem*: 247-248; De Certeau 1988: 84-85). O uso de meios digitais permite, deste modo, uma multiplicação das estratégias de estabelecimento das fontes e dos movimentos de reorganização do espaço social necessários à prática de transformação inerente ao estudo do passado. É nestas práticas de redistribuição espacial que o estudo do passado encontra os desafios que lhe garantem a renovação da sua cientificidade e relevância social (De Certeau *idem*: 72-77). Uma renovação da cientificidade que se afere na possibilidade de reencaminhar e abrir as leituras anteriormente feitas nesse estudo; uma relevância social construída na capacidade desse estudo dialogar com dinâmicas sociais e atuar no sentido da sua reconfiguração.

Os meios digitais contribuem para o trabalho de reconfiguração de agentes, ideias e perspectivas que é necessário para contrariar a cristalização de elites, narrativas e retóricas que se formam nas práticas de estudo do passado. A sua contribuição faz-se sentir tanto de um ponto de vista tecnológico como de um ponto de vista social. Tal dimensão sociotécnica do digital torna possível o acesso a arenas discursivas em que os vestígios são desafiados enquanto elemento mediação no estudo do passado. Arenas onde a figura do usuário relembra aos arqueólogos que a sua prática é uma forma de usar o passado, sendo necessário cuidar dessa responsabilidade, transformando-a em função dos desafios do mundo contemporâneo. O mundo digital é, afinal, uma arena com desafios que devem ser tomados como oportunidades para que o estudo do passado se

afirme enquanto exercício de compreensão da alteridade; um exercício de representação de diferenças (De Certeau *idem*: 85-86). Um exercício em que a diferença se forja no desajustamento necessário para se cartografar e transformar as ligações que suportam o contexto histórico em que nos encontramos.

O digital como projeto de cópia

A arqueologia estuda o passado através dos seus vestígios materiais: o modo como tais vestígios remetem para um mundo material que irrompeu num determinado contexto histórico; o modo como as condições desse contexto se rompem e produzem fragmentos que são reapropriados em dinâmicas materiais de natureza distinta; e o modo como tais fragmentos são constituídos em objetos de estudo de um projeto de conhecimento disciplinar. Ao conjunto de objetos de estudo que emergem nas intervenções arqueológicas dá-se o nome de registo arqueológico. Um registo: que se faz num entrecruzamento de traços; cuja temporalidade permite ensaiar um diálogo com o passado. Um diálogo material entre subjetividades em devir (Criado-Boado 2001). Um registo que se constitui num trabalho que visa a tradução das propriedades materiais dos vestígios do passado para diferentes tipos de suporte (Lucas 2012: 237-244). Este trabalho é orientado por uma prática de cópia que visa a mobilização desses vestígios para um arquivo, cuja ordem possibilita o desenvolvimento do estudo do passado (*ibidem*). Nesta dinâmica, os vestígios e o seu arquivo (ou o original e a sua cópia) são unidades que se constituem num diálogo que permite a sua atualização (*ibidem*). O arquivo, enquanto projeto de cópia, implica a elaboração de inquéritos e a orientação de campos de observação; por sua vez, a atenção para com a singularidade dos vestígios implica que tais inquéritos e campos de observação sejam revistos de modo a expressarem tal singularidade. Nesta dialética, emerge o registo arqueológico; emergem os objetos de análise a partir dos quais se constrói o conhecimento do passado.

Considerando o peso da imagem da escavação arqueológica como ato de destruição aludida anteriormente, o projeto de arquivo funda-se num desejo de preservar tudo aquilo que desaparece (ou é modificado) no processo de escavação. O trabalho de tradução em arqueologia – uma tradução material – tem uma natureza

háptica, na medida em que os vestígios se encontram estratificados, sendo necessário tocar e de-compor estes estratos para se possibilitar o seu conhecimento. Tocar nestes estratos para fazer a sua de-composição é condição para fazer emergir os objetos e fazer emergir as linhas do seu estudo. Esta natureza háptica da intervenção permite que a disciplina seja recetiva a contributos de outras áreas que, contribuindo nas práticas de cópia, alarguem o projeto de arquivo no sentido da inclusão de tudo aquilo que desaparece no processo de escavação; no sentido da edificação de um arquivo que se pode multiplicar infinitamente.¹ Nesta dinâmica, a arqueologia acolhe a potência das técnicas e das dinâmicas do mundo digital enquanto possibilidade de expandir o trabalho de cópia que anima a sua prática; expandindo a topografia dos movimentos de tradução na qual se constituem os vestígios do passado e se desenvolve o seu estudo.

Como vimos no ponto anterior, a abertura da arqueologia à dinâmica do mundo digital acolhe a figura do usuário, permitindo a participação de agentes que, de outro modo, estariam excluídos, ou teriam outro tipo de envolvimento, nas práticas discursivas em que se constitui o conhecimento dos vestígios materiais do passado. A par desta multiplicação de agentes e de agendas permitido pelo mundo digital, que implicam um diálogo entre distintas perspetivas da racionalidade moral-prática da ética e do direito, as possibilidades do trabalho de cópia e de constituição de arquivo dos meios digitais processam também um diálogo entre diferentes perspetivas provenientes da racionalidade cónico-instrumental da ciência e da técnica, e da racionalidade estético-expressiva da arte e da literatura.² De seguida, iremos ver o modo como estes dois últimos tipos de racionalidade permitiram o desenvolvimento do diálogo entre o digital e a arqueologia.

O diálogo alicerçado entre as racionalidades cognitivo-instrumentais da arqueologia e do digital contribuiu para o endurecimento da dimensão técnica e científica da arqueologia, valorizando e intensificando a captura, registo, gestão, interpretação e divulgação de dados. Neste diálogo, os métodos tradicionais de observação e registo da arqueologia foram revisitados por um vasto conjunto de software e hardware que exponenciaram este sistema técnico. Entre o tratamento de dados em Sistemas de Informação Geográfica e os varrimentos a laser de grande escala, os meios digitais transformaram os procedimentos de estudo dos vestígios materiais do

passado. Com efeito, os meios digitais, enquanto dispositivos de orientação e mediação, renovaram a experiência do processo de produção do conhecimento do passado e, por conseguinte, de experienciar o passado. E, para além desta renovação, a própria dinâmica de constante inovação técnica do digital acaba por interagir com os próprios projetos de conhecimento dos arqueólogos, levando-os a gerir a pesquisa em função das promessas/expectativas técnicas do mundo digital (*e.g.* Forte / Campana, Preface, 2016).³ Uma ânsia onde a euforia da descoberta do passado se con-funde na novidade dos dispositivos, dos seus circuitos e da sua futuridade.

Os dispositivos digitais permitem que grande parte dos suportes utilizados nas diferentes práticas de registo (designadamente, o papel para a descrição textual, a cartografia, a fotografia e o desenho, por exemplo) sejam transpostos para suportes digitais. Nesta transposição não se assiste apenas a uma alternância de suportes. Com efeito, a gestão em rede destes diferentes softwares permite a criação de plataformas de cruzamento de informação cuja natureza de utilização é, quantitativa e qualitativamente, diferente de arquivos em papel, frequentemente caracterizados por uma nuclearização dos dados em função do suporte onde se encontram registados (*e.g.* Bradley 2006; Backhouse 2006; Gonzalez-Perez 2012; Walldrot 2016). Nesta diferença, as coordenadas espaço-temporais do arquivo digital lançam desafios à cadência da sua consulta, impondo novos ritmos e novas perspetivas que, por sua vez, condicionam o desenvolvimento de inquéritos e a obtenção de resultados. Uma diferença de inquéritos e de resultados que proporcionam novas estratégias de configuração do conhecimento sobre o passado.

A configuração do conhecimento é, desde logo, alterada pela dinâmica de captura dos dados. O digital, no diálogo que estabelece entre diferentes equipamentos de leitura do terreno (cruzando dados capturados por satélite, drones ou equipamento de geofísica, por exemplo), permite a elaboração de imagens acerca de vestígios soterrados ou submersos. Acrescente-se que tais imagens tanto podem ser produzidas a escalas de pormenor como a escalas muito amplas (*e.g.* Lercari 2016; Opitz 2016). Nesta gestão de escalas de análise e de acesso a realidades que, pelos métodos analógicos, estariam interditos (*e.g.* Kainz 2016; Buxton *et al.* 2016), as estratégias de captura e sistematização de informação digitais possibilitam gerar vários objetos de estudo que

contribuem para o avanço do conhecimento. Simultaneamente, tais objetos de estudos são equacionados, ou codificados, de modo a serem operados em função de variáveis que maximizam esquemas interpretativos através dos quais se compõe a sua compreensão enquanto elementos que remetem para hipotéticos cenários sociais do passado (*e.g.* Watterson 2012; Pethen 2012; Fiz Fernandez 2012; Evans 2012; Limp 2016; Vletter / Schloen 2016). Acima de tudo, estes meios fazem emergir uma relação com os dados cuja dinâmica, assentando num ritmo acelerado, proporciona o constante planeamento de tarefas, de alternativas de pesquisa e possibilidades interpretativas (Lercari *et al. ibidem*; Opitz *ibidem*; Wernke, *et al.* 2016). Nesta dinâmica, a experiência dos vestígios do passado é um exercício de governo de dados que pretende maximizar tudo aquilo que proporcione mais dados e mais variáveis num projeto de conhecimento que acaba por reduzir o passado a um conjunto de padrões de variáveis.

Nesta relação dos arqueólogos com os dados mediada pelos dispositivos digitais, assiste-se, então, a um crescimento das variáveis que os arqueólogos podem equacionar no processo de conhecimento do passado; um crescimento de variáveis que tem como objetivo o desenvolvimento de análises e reconhecimento de padrões que viabilizam a multiplicação de modelos explicativos para a diversidade dos vestígios. Esta possibilidade de multiplicar dados e explicações permite uma sensação de avanço face à zona de desconhecimento em que se encontra o passado. Porém, a complexificação de modelos explicativos pode também ser acompanhada, ou pode aguçar, um sentido crítico relativamente ao conhecimento que produzimos do passado. Um sentido crítico que pode ser aguçado pela performance da aceleração e da eficiência que frequentemente é exibida pelo uso de meios digitais, lembrando que tal performance é apenas um fluxo de dados que não pode dominar a cadência do trabalho de pesquisa (*e.g.* Caraher 2016; Kansa 2016). Uma cadência feita na multiplicidade de ímpetos e paradoxos, com os quais se ensaia a in-certeza e a in-decidibilidade necessárias a qualquer aproximação a uma zona de desconhecimento. Uma cadência de trabalho na qual a crítica é o movimento onde se pode repensar o papel dos métodos e compreender que as questões colocadas e respostas ensaiadas com os vestígios não satisfazem face à constatação de, em termos ontológicos, o passado não estar acessível para a validação de

modelos explicativos e, por conseguinte, não haver epistemologia, dispositivo ou técnica que nos pode valer face a esta condição.⁴

No que diz respeito ao diálogo de cópia negociado nas racionalidades estético-expressivas da arqueologia e do digital, assistimos a respostas que:

- tanto podem desenvolver imagens que são apresentadas como percepções verosímeis; nas quais a aproximação ao passado é um exercício desenvolvido numa lógica de reconstrução, proporcionando a visualização de um passado próximo, onde são simuladas imagens familiares ou exóticas da geografia do nosso presente (*e.g.* Gearey / Chapman 2012; Earl 2012, Forte 2016; Seaman 2016; Dell'Unto 2016, White 2016);
- como tais respostas podem ser um diálogo que ensaia com o deslocamento e a estranheza dos vestígios, convertendo-os em focos de resistência aos circuitos da geografia que nos levou ao seu encontro (*e.g.* Shanks 1992, 2012; Alves Ferreira 2013, 2017).

As primeiras, explorando a verosimilhança das imagens numa lógica da razão e das sensações, acabam por edificar cenários que naturalizam o horizonte de sentido proporcionado por uma determinada perspetiva sobre o passado; é uma forma de diálogo onde a estética funciona como elemento estabilizador do sentido. Nos diálogos que ensaiam o deslocamento dos vestígios, os meios digitais são estratégias de explorar a estética de tal deslocamento, iluminando na própria técnica digital aquilo que ela tem de nómada; inscrevendo-a como arte de abertura do sentido.

A racionalidade estético-expressiva explorando a instabilidade do sentido das coisas, ainda que corra o risco de se esgotar numa fruição que adormece a capacidade crítica, relembra também que, no estranhamento que nos proporciona, a arqueologia é uma prática de conhecimento da diferença, e, enquanto tal, é uma prática ética que tem na técnica, e na crítica epistemológica que é inerente a qualquer analítica permitida pelos meios técnicos, a forma de responder aos desafios da alteridade dos vestígios do passado.⁵ Nesta demanda, os meios digitais reavivam a arqueologia enquanto um ofício. Um ofício no qual os vestígios do passado devem ser cuidados como objeto de um saber particular. Uma particularidade que abre os vestígios a projetos técnicos e sociais que visam a transformação do contexto em que se encontram (Shanks 1992; Shanks / McGuire 1996; Shanks 2007). A arqueologia é um sistema técnico, onde se desenvolvem

processos de re-materialização; práticas de intervenção material e de redistribuição espacial com as quais se cria um lugar para o passado (Lucas 2001, 2012). O uso de meios digitais, possibilitando novos modos de redistribuição e re-materialização, pode reavivar que, tanto o movimento de conquista como o movimento de desespero que a acessibilidade do passado pode fazer emergir, são apenas dois movimentos entre outros movimentos a desenvolver para desenhar esse lugar. São movimentos de redistribuição nos quais se explora a erótica dos vestígios do passado; uma exploração de ligações, de trans-formações, que visa exceder a topografia dos vestígios do passado e compreender a diferença da sua ordem (De Certeau 1988; Shanks 1992).

Técnica, silêncio e diferença

O digital aviva a natureza técnica da arqueologia – uma técnica de produção de espaço e de mobilidade nesse espaço – interpela os arqueólogos a pensar a singularidade e o propósito do seu sistema técnico (De Certeau 1998; Shanks 1992, 2012; Shanks / McGuire 1996; Lucas 2001, 2002). Um sistema que se desenvolve:

- nem tanto como uma construção cognitivo-instrumental, que obedece a lógicas de conquista do outro ou a um desespero que o inalcançável outro pode gerar;
- nem como uma construção meramente estética que projeta acriticamente o que de familiar ou exótico pode existir para ser arrumado na nossa imaginação;
- mas, como um sistema técnico que, fazendo face à irredutibilidade da diferença do passado, é uma prática ética na qual se pode cuidar dessa diferença e, com essa esquiva diferença, fazer emergir outras diferenças que nos obriguem a pensar diferentemente; abrindo as possibilidades de compreensão do Outro que é o Passado.

Na afirmação do digital enquanto estratégia de atuação, a prática arqueológica – que se constituía entre um conjunto de instrumentos com os quais se se criava uma relação com um arquivo de terra – vê-se confrontada com um conjunto de novos instrumentos que refaz essa relação, exigindo uma outra forma dos arqueólogos se encadearem com o seu objeto de estudo, criando, assim, novas cadências no modo como emergem e fluem as práticas discursivas que se podem constituir entre um arquivo material – a terra – e um arquivo digital. A entrada destes novos dispositivos veio, deste

modo, atuar nas possibilidades e limites de ação dos arqueólogos, alargando as suas capacidades de capturar, analisar e registar os vestígios do passado; um alargamento das possibilidades de gerar questões e gerir a análise em direções que não estavam contempladas em inquéritos anteriores.

O digital constitui-se, então, como um domínio de gestação e governo de questões, dados e análises que anima os arqueólogos, dando a sensação de um movimento de avanço no registo e preservação do passado (*e.g.* Evans / Daly 2006; Averett *et al.* 2016). Um registo e preservação que tem como objetivo a emergência de um conhecimento feito através da descoberta de traços que estavam por ver; um projeto de conhecimento que, no seu diálogo com o digital, excede as escalas e os meios de análise tradicionais, permitindo a aquisição, mobilização e cruzamento de dados com novos ritmos e novos circuitos. Para além de todas estas possibilidades, a arqueologia digital – na ênfase que nos permite conferir à dimensão técnica dos nossos procedimentos enquanto arqueólogos – reabre, como referido, a possibilidade de relembrar que a prática arqueológica é, efetivamente, um trabalho de mediação técnica e uma intervenção material que tem como objetivo a transformação de um lugar num outro lugar; um lugar que nos é dado a experimentar enquanto descoberta do passado. Um lugar de diferença para ser trilhado enquanto possibilidade de compreensão do presente e de abertura ao futuro.

Esta transformação do lugar faz-se numa sucessão de gestos técnicos, entre os quais se cria um lugar para o passado no presente (De Certeau 1988). Um lugar que, correspondendo-se com um tempo que queremos conhecer, é um lugar produzido pelos meios técnicos de que dispomos para instaurar pontos de vista sobre um passado que:

- ainda está nesse lugar, na medida em que se apresenta sob a forma de fragmentos que a técnica permite reconhecer e transformar em objetos de estudo ou objetos de trabalho num projeto de conhecimento;
- e, simultaneamente, um passado que já não está nesse lugar, na medida em que os vestígios, na condição de fragmento ou de resíduo, nos remetem para algo que já não está ali, a não ser como uma zona de presenças cujo sentido ambíguo remete para uma ausência.

Fazer este lugar é, assim, a delimitação de uma área de des-encontro; um lugar de des-ajustamento entre as linguagens que a técnica permite e a ambiguidade do sentido dos vestígios materiais do passado. Um sistema técnico – ordenado por uma ideia de cópia – que, tendo como ponto de referência uma realidade que não conhece, tenta conduzir a ambiguidade dos vestígios a uma unidade de sentido que possibilite um des-conhecimento do passado.

A condição de des-ajustamento que ordena este lugar permite ver que os meios digitais comportam uma expansão nos meios e nos modos de nos relacionarmos com os vestígios do passado; permitindo também mostrar que o trabalho no qual se constrói esta relação não é tanto um caminho de decodificação, mas um trabalho de ligação entre um horizonte de sentido que não conhecemos – o do passado – e o nosso horizonte de sentido. Desta perspetiva, a arqueologia é um trabalho de exploração de ligações entre linguagens, com a particularidade de colocar em relação uma linguagem técnica com uma linguagem da qual nada sabemos. Enquanto trabalho entre linguagens, a arqueologia é, então, uma prática que coloca entidades incomunicáveis – que se apresentam apenas na sua diferença – e entidades que emergem numa dinâmica de comunicação, constituindo-se enquanto uma prática de cópia. Uma prática de cópia que, não tendo como ponto de referência um original fixo, pode ser entendida como uma prática de mediação em que se tenta encontrar e traduzir a fala do passado (Lucas 2012).⁶ Uma prática de tradução entre:

- um arquivo de uma língua que não foi falada, a não ser em suportes materiais com os quais se desenvolveu a ação no passado; suportes esses que emergem da vontade de diferentes agentes e que nada comunicam a não ser apresentarem-se no seu silêncio;
- e um arquivo que, face a esse silêncio, chama a si as línguas e os suportes de que dispõe para se fazer uma cópia – ou um testemunho – de quem nada diz sobre si.

O digital é, neste sentido, mais uma língua e mais um conjunto de novos suportes neste desafio de tradução.

No sentido de compreender as ideias apresentadas nos parágrafos anteriores, prestemos atenção à Figura 1. Esta imagem foi retirada de uma série de montagens digitais da autoria de Joana Alves-Ferreira (2013, 2017). O objeto de trabalho da

arqueóloga é um conjunto de polaroids que documentam a sua participação nas escavações do sítio pré-histórico de Castanheiro do Vento (Cardoso 2010; Vale 2011). Nestes registos, apresenta a escavação como um conjunto de rotinas que, na sua repetição, vai produzindo elementos que são excluídos do processo de montagem do discurso sobre este lugar na pré-história. Para resgatar e dar lugar a este resíduo, J. Alves-Ferreira digitalizou as polaroids que o testemunhavam no sentido de desenvolver uma exploração estética que visa – pela cópia, fragmentação e colagem – ir multiplicando e dando ênfase ao que é desperdiçado e silenciado no discurso dos arqueólogos.



Figura 1 – “Infinito descontínuo II. Da atenção e do aprender no limiar de um lugar possível”; © Joana Alves Ferreira 2017. Reproduzido com a autorização da autora.

Os meios digitais permitiram que cada *polaroid* – registo de silêncio – fosse fragmentada e articulada com outros registos, multiplicando infinitamente este registo de silêncio como forma de invocar aquilo que infinitamente é excluído da montagem do discurso; é desperdiçado enquanto possibilidade de construção do lugar de des- encontro com a diferença que o trabalho de escavação pretender fazer emergir. Os

meios digitais são, neste ensaio, uma estratégia de re-materialização de registos e de reordenamento espacial; uma forma de mediação que pretende dar voz, ou testemunhar, o silêncio sobre o qual se encontram dobrados os vestígios (Alves-Ferreira 2013, 2017). Os meios digitais, nas diferenças que a sua potência de cópia permite descobrir, são usados enquanto modo de repetir e repetir, diferentemente, o vibrante silêncio da matéria (Bennett 2010) e, nessa repetição, lançar as condições para a emergência de enunciados; novos enunciados que desafiam a erótica da prática arqueológica (Shanks 1992: 42-67) e a linguagem da arqueologia (Joyce *et al.* 2002).

O digital, proporcionando novas línguas e novos suportes para a prática de tradução em que se forja o conhecimento arqueológico, pode constituir-se enquanto possibilidade de arriscar um arquivo mais próximo do silêncio dos vestígios; e das possibilidades de sentido que tal silêncio proporciona. Porém, nem sempre tal risco acontece. Na sua relação com redes de consumos e regulação de subjetividades, o digital tende a cristalizar-se na produção de imagens que, estabilizando a experiência do passado, nem sempre fazem justiça à instabilidade e à incerteza dos des-encontros com os vestígios de tal passado. São imagens que simulam cenários onde o olhar se torna sedentário. Imagens que, frequentemente, na sua sedução e encadeamento, mais do que tocar a subjetividade de cada um, vai circundando e sufocando as possibilidades de devir dessa subjetividade (Martins 2011a). Vai vedando a possibilidade de seguir o rasto da diferença de um passado que se transforma na ação dos arqueólogos; e que se transforma na ação dos agentes do digital.

A arqueologia como um ofício de tradução, na sua relação com o digital alargou as suas possibilidades de fabricação de imagens. Alargou estas possibilidades num mercado de ecrãs em que tudo pode ser cristalizado num sentido inequívoco, levando os consumidores a centrarem-se mais no que veem do que naquilo que tais imagens podem representar. Neste movimento, as imagens perdem o seu poder de se articular com o desafio de narrar o passado – de contar o passado – como quem conta uma história que lhe foi dada a conhecer entre fragmentos que contam tantas outras histórias, umas vezes cruzadas outras vezes dispersas, com as quais a narrativa – longe da eficácia e fluidez das imagens – é um lugar feito na chama da incerteza. Um lugar feito com o peso da matéria. Uma incerteza e um peso que tocam para abalar as ligações em que se formam

as imagens, abrindo a possibilidade para que a diferença do passado venha, com a sua ausência, acompanhar-nos no desafio de compreensão do nosso tempo.

Nota Final

Experimenta trocar: a régua para medir ângulos e o transferidor para medir rectas.

Chegarás a resultados diferentes. Serão resultados falsos?

Eu não diria isso. Seria mais cauteloso. Diria que são resultados diferentes.

Gonçalo M. Tavares

A nota de Gonçalo M. Tavares glosa com a ideia central deste texto e com o modo como foi desenvolvida nos três pontos que o constituem. O uso de meios digitais trouxe novos dispositivos à prática arqueológica, refazendo os seus circuitos. Na transformação destes circuitos foram inseridas diferenças na experiência e na relação com os vestígios materiais do passado, possibilitando que a diferença do passado fosse medi(a)da de modo diferente. As diferenças que os meios digitais aportam à prática arqueológica permitem redirecionar os ângulos das perspetivas sobre o passado; e proporcionam o lançamento de novos segmentos de retas, com os quais se dá sentido à infinita distância que nos separa do passado. Com esta sua potência, o digital possibilita que a esquivez da diferença do passado seja experimentada diferentemente. Acautelar-se no acolhimento e na compreensão desta diferença é uma forma de resistir ao seu ímpeto; e, nessa resistência, acompanhar a diferença do passado na sua fuga.

Agradecimentos

A Susana Soares Lopes, Lurdes Oliveira e Ana Vale, pela discussão de algumas das ideias apresentadas neste texto. A Joana Alves-Ferreira, a permissão da reprodução da Figura 1 e por me ter inspirado nos caminhos deste texto. A Sandrine Fidalgo, a tradução do resumo para francês. A investigação foi apoiada pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia com a bolsa de pós-doutoramento SFRH/BPD/100203/2014 - financiada por fundos nacionais do MCTES, POCH e FCE.

Bibliografia

Alves-Ferreira, Joana (2013), “‘Instantes da Espera’. A Experiência da Polaroid enquanto experiência de expectativa”, *Al-Manda Online*, II Série, nº 18 (II), 11-17.

-- (2017), “The Art of ‘Endangering’ Bodies. A First movement on ‘How to read what was never written’”, in *Rethinking Comparison in Archaeology*, New Castle upon Tyne, Cambridge Scholar Publishing, 13-39.

Averett, Erin W. / Gordon, Jody M. / Counts, Derik. B. (ed.) (2016), *Mobilizing the Past for a Digital Future. The Potential of digital archaeology*, Grand Forks, The Digital Press @ The University of North Dakota.

Backhouse, Paul (2006), “Drowning in data? Digital data in a British contracting unit”, in *Digital Archaeology. Bridging method and theory*, London and New York, Routledge, 43-49.

Bennett, Jane (2010), *Vibrant Matter: A Political ecology of things*, Durham/London, Duke University Press.

Bradley, Matt (2006), “Archaeological survey in a digital world”, in *Digital Archaeology. Bridging method and theory*, London/New York, Routledge, 29-42.

Brughmans, Tom (2012), “Facebooking the Past: A Critical social network analysis approach for archaeology”, in *Thinking Beyond the Tool. Archaeological computing and the interpretive process*, Oxford, Archaeopress, 191-203.

Buxton, Bridget / Sharvit, Jacob / Planer, Dror / Mišković, Nikola / Hale, John (2016), “An ASV (Autonomous Surface Vehicle) for Archaeology: The Pladypos at Caesarea Maritima, Israel”, in *Mobilizing the Past for a Digital Future. The Potential of Digital Archaeology*, Grand Forks, The Digital Press @ The University of North Dakota, pp. 279-315.

Caraher, William (2016), “Slow Archaeology: Technology, Efficiency, and Archaeological Work”, in *Mobilizing the Past for a Digital Future. The Potential of digital archaeology*, Grand Forks, The Digital Press @ The University of North Dakota, 421-441.

Cardoso, João Muralha (2010), *Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa) – Um Recinto Monumental do III^o e II^o milénio a.C.: Problemática do sítio e das suas estruturas à escala regional*, Maiorca, Vessants Editora.

Criado-Boado, Filipe (2001), “Problems, Functions and Conditions of Archaeological Knowledge”, *Journal Of Social Archaeology*, nº 1, 126-146.

De Certeau, Michel (1988), “The Historiographical Operation”, in *The Writing of History* (trad. Tom Conley), New York, Columbia University Press, 56-113.

Dell'Unto, Nicoló (2016), “Using 3D GIS Plataforms to analyse and Interpret the Past”, in *Digital Methods and Remote Sensing in Archaeology. Archaeology in the age of sensing*, Cham – Switzerland, Springer, 305-324.

Derrida, Jacques (2001), *Mal de Arquivo. Uma Impressão freudiana*, Rio de Janeiro, Relume-Dumará.

Earl, P. Graeme (2012), “At the Edges of the Lens: Photography, graphical constructions and cinematography”, in *Digital Archaeology. Bridging method and theory*, London/New York, Routledge, 173-188.

Evans, T. L. (2012), “You, Me and IT. The Application of simple quantitative techniques in the examination of gender, identity and social reproduction in the Early to Middle Iron Age of north-eastern France”, in *Digital archaeology. Bridging method and theory*, London/New York, Routledge, 51-80.

Evans, Thomas / Daly, Patrick (eds) (2006), *Digital Archaeology. Bridging method and theory*, London/New York, Routledge.

Fiz Fernandez, José Ignacio (2012), “Deconstructing and Reconstructing the Landscape of Oxyrhynchus Using Textual Sources, Cartography, Remote Sensing and GIS”, in *Thinking beyond the Tool. Archaeological computing and the interpretive process*, Oxford, Archaeopress, 131-154.

Forte, Maurizio (ed.) (2010), *Cyber-Archaeology. British archaeological reports international*, Oxford, Archaeopress.

Forte, Maurizio (2016). "Cyber Archaeology: 3D Sensing and Digital Embodiment", in *Digital Methods and Remote Sensing in Archaeology. Archaeology in the age of sensing*, Cham – Switzerland, Springer, 271-290.

Forte, Maurizio / Campana, Stefano (2016), *Digital Methods and Remote Sensing in Archaeology – Archaeology in the Age of Sensing*, Cham – Switzerland, Springer.

Forte, Maurizio/ Campana, Stefano (2016), "Preface", in *Digital Methods and Remote Sensing in Archaeology. Archaeology in the Age of Sensing*, Cham – Switzerland, Springer, v-vi.

Gearey, Benjamin R. / Chapman, Henry P. (2012), "'Digital Gardening': An Approach to simulating elements of palaeovegetation and some implications for the interpretation of prehistoric sites and landscapes", in *Digital Archaeology. Bridging method and theory*, London/New York: Routledge, 154-172.

Gonzalez-Perez, Cesar (2012), "Typeless Information Modelling to Avoid Category Bias in Archaeological Descriptions", in *Thinking beyond the Tool. Archaeological computing and the interpretive process*, Oxford, Archaeopress, 72-87.

Gordon, Jody Michael / Averett, Erin Walcek / Counts, Derek B (2016), "Mobile Computing in Archaeology: Exploring and interpreting current practices" in *Mobilizing the Past for a Digital Future. The potential of digital archaeology*, Grand Forks, The Digital Press @ The University of North Dakota, 1-30.

Joyce, A. Rosemary / com Preucel, Robert W. / Lopiparo, Jeanne / Guyer, Carolyn / Joyce, Michael (2002), *The languages of Archaeology*, Oxford and Malden, MA., Blackwell Publishers.

Kainz, Jakob (2016), "An Integrated Archaeological Prospection and Excavation Approach at a Middle Neolithic Circular Ditch Enclosure in Austria", in *Digital Methods and Remote Sensing in Archaeology. Archaeology in the Age of Sensing*, Cham – Switzerland, 371-403.

Kansa, Eric C. (2016), "Click Here to Save the Past", in *Mobilizing the Past for a Digital Future. The Potential of Digital Archaeology*, Grand Forks, The Digital Press @ The University of North Dakota, 443-472.

Lercari, Nicola (2016), “Terrestrial Scanning in the Age of Sensing”, in *Digital Methods and Remote Sensing in Archaeology. Archaeology in the Age of Sensing*, Cham – Switzerland, Springer, 3-34.

Limp, William Fred (2016), “Measuring the Face of the Past and Facing the Measurement”, in *Digital Methods and Remote Sensing in Archaeology. Archaeology in the Age of Sensing*, Cham – Switzerland, Springer, 349-369.

Lucas, Gavin (2001), *Critical Approaches to Fieldwork. Contemporary and historical archaeological practice*, London/New York, Routledge.

Lucas, Gavin (2012), *Understanding the Archaeological Record*, New York, Cambridge University Press.

Martins, Moisés de Lemos (2011a), “O Poder das Imagens e as Imagens do Poder”, in *Crise no Castelo da Cultura. Das Estrelas para os ecrãs*, Braga, Grácio Editor, 77-87.

Martins, Moisés de Lemos (2011b), “Acontecimento e Cultura”, in *Crise no Castelo da Cultura. Das Estrelas para os Ecrãs*, Braga, Gracio Editor, 207-212.

Martins, Moisés de Lemos (2015), “Os Estudos Culturais como Novas Humanidades”, *Biblos*, 3.^a Série, nº 1, 79-109.

Massung, Elaine (2012), “Visitor Reception to Location-based Interpretation at Archaeological and Heritage Sites”, in *Thinking Beyond the Tool. Archaeological computing and the interpretive process*, Oxford, Archaeopress, 168-190.

Miranda, José Bragança (1994), *Analítica da actualidade*, Lisboa, Vega.

Olivito, Riccardo / Taccola, Emanuele / Albertini, Niccolò (2016), “Cultural Heritage and Digital Technologies”, in *Digital Methods and Remote Sensing in Archaeology. Archaeology in the age of sensing*, Cham – Switzerland, Springer, 475-494.

Olsen, Bjørnar / Shanks, Michael / Webmoor, Timothy / Witmore, Christopher (2012), *Archaeology. The Discipline of things*. Berkley and Los Angeles/London, University of California Press.

Opitz, Rachel (2016), "Airborne Laserscanning in Archaeology: Maturing methods and democratizing applications", in *Digital Methods and Remote Sensing in Archaeology. Archaeology in the Age of Sensing*, Cham – Switzerland, Springer, 35-50.

Patrick, Daly / Evans, Thomas E. (2006), "Introduction: archaeological theory and digital pasts", in *Digital Archaeology. Bridging method and theory*, London/New York, Routledge, 2-7.

Pethen, Hannah (2012), "The Old and the New in Egyptian Archaeology: Towards a Methodology for Interpreting GIS Data Using Textual Evidence", in *Thinking beyond the Tool. Archaeological computing and the interpretive process*, Oxford, Archaeopress, 103-122.

Pietroni, Eva (2016), "From Remote to Embodied Sensing: New Perspectives for Virtual Museums and Archaeological Landscape Communication", in *Digital Methods and Remote Sensing in Archaeology. Archaeology in the age of sensing*, Cham – Switzerland, Springer, 437-474.

Poehler, Eric E. (2016), "Digital Pompeii: Dissolving the fieldwork-library research divide", in *Mobilizing the Past for a Digital Future. The Potential of digital archaeology*, Grand Forks, The Digital Press @ The University of North Dakota, 201-218.

Richards, Julian D. (2012), "Electronic Publication in archaeology", in *Digital Archaeology. Bridging method and theory*, London/New York, Routledge, 191-201.

Roosevelt, H. Roosevelt / Cobb, Peter / Moss, Emanuel / Olson, Brandon R. / Sinan, Ünlüsoy (2015), "Excavation is Destruction Digitization: Advances in archaeological practice", *Journal of Field Archaeology*, 40 (3), 325-346.

Santos, B. S. (1999), "O Social e o Político na Transição Pós-Moderna", in *Pela Mão de Alice. O Social e o político na pós-modernidade*, Porto, Afrontamento, 69-102.

Schreibman, Susan / Siemens, Ray / Unsworth, John (ed.) (2004), *A Companion to Digital Humanities*, Malden/Oxford/Victoria, Blackwell Publishing.

Seaman, Bill (2016), "Emergent Relationality System / The Insight Engine", in *Digital Methods and Remote Sensing in Archaeology. Archaeology in the age of sensing*, Cham – Switzerland, Springer, 291-304.

Shanks, Michael (1992), *Experiencing the Past. On the Character of archaeology*, London/New York, Routledge.

Shanks, Michael (2007), "Symmetrical Archaeology", *World Archaeology*, nº 39, 589-596.

Shanks, Michael (2012), "*Let me Tell you about Hadrian's Wall ...*" *Heritage, Performance, Design*, Amsterdam, Reinwardt Academie, Amsterdam School of the Arts.

Shanks, Michael (2012). *The Archaeological Imagination*, London/New York, Routledge.

Shanks, Michael / McGuire, Randal (1996), "The Craft of Archaeology", *American Antiquity*, nº 61, 75-88.

Shanks, Michael / Webmoor, Timothy (2012), "A Political Economy of Visual Media in Archaeology" in *Re-presenting the Past: Archaeology through image and text*, Oxford, Oxbow Books, 87-110.

Svensson, Patrick / Goldberg, David Theo (ed.) (2015), *Between Humanities and the Digital*, Cambridge, MA, The MIT Press.

Tavares, Gonçalo M. (2012), "breves notas sobre ciência", in *breves notas sobre ciência. breves notas sobre o medo. breves notas sobre as ligações*, Lisboa, Relógio D'Água, 7-142.

Thomas, Julian (2004), *Archaeology and Modernity*, London/New York, Routledge.

Vale, Ana Margarida Aparício do (2011), *Modalidades de Produção de Espaços no Contexto de uma Colina Monumentalizada: O Sítio pré-histórico de Castanheiro do Vento, em Vila Nova de Foz Côa*, Porto, Tese de Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Vletter, Willem F./ Schloen, Sandra R. (2016), "Creating a Chronological Model for Historical Roads and Paths Extracted from Airborne Laser Scanning Data", in *Digital Methods and Remote Sensing in Archaeology. Archaeology in the Age of Sensing*, Cham – Switzerland, Springer, 405-434.

Walldrot, John (2016), "Why Paperless: Technology and changes in archaeological practice", in *Mobilizing the Past for a digital Future. The Potential of Digital Archaeology*, Grand Forks, The Digital Press @ The University of North Dakota, 33-50.

Wattersson, Alice (2012), "The Value and Application of Creative Media to the Process of Reconstruction and Interpretation", in *Thinking beyond the Tool. Archaeological computing and the interpretive process*, Oxford, Archaeopress, 14-23.

Webmoor, Timothy (2008), "From Silicon Valley to the Valley of Teotihuacan: the Yahoo!©s of the New Media and Digital Heritage", *Visual Anthropology Review*, 24 (2), 183-200.

Wernke, Steven A. /Hernández, Carla / Marcone, Giancarlo / Oré, Gabriela / Rodriguez, Aurelio / Traslaviña, Abel (2016), "Beyond the Basemap: Multiscalar Survey through Aerial Photogrammetry in the Andes", in *Mobilizing the Past for a Digital Future. The potential of digital archaeology*, Grand Forks: The Digital Press @ The University of North Dakota, 251-278

White, Devin A. (2016), "Archaeology in the Age of Supercomputing", in *Digital Methods and Remote Sensing in Archaeology. Archaeology in the age of sensing*, Cham - Switzerland, Springer, 323-346.

Witmore, Christopher (2009), "Prolegomena to Open Pasts: On Archaeological memory practices", *Archaeologies*, 5 (3), 511-545.

Zubrow, Ezra B. W. (2006), "Digital Archaeology. A historical Context", in *Digital Archaeology. Bridging method and theory*, London/New York, Routledge, 8-26.

Sérgio Gomes tem desenvolvido trabalhos de arqueologia de prevenção e salvamento em distintas regiões do território nacional, enquadrados por diferentes empresas de arqueologia, desde 2000, ano de conclusão da Licenciatura em História/variante Arqueologia na FLUP. A par da atividade profissional participou, entre outros projetos, na valorização da estação pré-histórica de Castelo Velho de Freixo de Numão (Vila Nova de Foz Côa), no âmbito do qual realizou a tese de mestrado *Contributos para o estudo dos “pesos de tear” de Castelo Velho de Freixo Numão*. Exercícios de interpretação do registo arqueológico” (FLUP, 2003). Entre 2006 e 2009, foi bolseiro de doutoramento da FCT, tendo apresentado a dissertação *O passado, a identidade e as teias do governo. Estudos sobre os entrelaçamentos das práticas de produção do conhecimento arqueológico e de construção da identidade nacional salazarista* (FLUP, 2011). Atualmente, desenvolve um projeto de pós-doutoramento, financiado pela FCT, acerca das relações entre a arqueologia pré-histórica e o pensamento ético da contemporaneidade.

NOTAS

¹ A ideia da constituição de um arquivo que orienta a produção do registo arqueológico prende-se com a emergência da disciplina no quadro da Modernidade (Thomas 2004). Porém, nesta relação, o projeto de arquivo não é legitimado por uma perspetiva da prática arqueológica enquanto trabalho de tradução no qual original e cópia se atualizam num movimento de diálogo que nos encontramos a desenvolver. Pelo contrário, tal ideia de arquivo compõe-se numa separação entre ontologia e epistemologia (*idem*: 76-77), privilegiando esta última como estratégia de operacionalização de projetos de conhecimento. Neste quadro, o arquivo é o resultado da codificação (e não a tradução) dos vestígios materiais num conjunto de dados metodologicamente aferidos; dados a serem configurados em esquemas interpretativos que visam a constituição de um conhecimento do passado, ignorando a complexidade e a interferência das redes e das agendas nos quais tal conhecimento é produzido (*ibidem*). Esta separação entre ontologia e epistemologia parece estar associada à apetência totalizante que a racionalidade cognitiva-instrumental desenvolve no quadro da Modernidade, uma apetência que visa a cientifização da realidade social (Santos 1999: 76-80). Assim, perspetivar a prática arqueológica enquanto trabalho de tradução é uma tentativa de afrontar a

hegemonia deste tipo de racionalidade, demonstrando que o desenvolvimento de qualquer plano de investigação implica um compromisso com uma determinada perspectiva que se possa ter a propósito de uma dada materialidade e que, frequentemente, esse compromisso interfere ou inviabiliza o desenvolvimento de outras leituras. Desta perspectiva, o arquivo não é tanto o repositório de dados estáveis prontos a serem usados em planos de pesquisa, mas um lugar de tradução que visa compreender o contexto de emergência desses dados, delinear os limites e as possibilidades do seu estudo e atualizar o seu potencial de transformação do conhecimento face a novos desafios. Neste sentido, o arquivo, enquanto lugar de trabalho de tradução, é um lugar de destabilização onde se criam as condições para um tempo *por vir*; um tempo do im-previsto dos projetos de pesquisa, que lança outras direções e novas esperanças de trabalho. É um arquivo enquanto lugar de “uma experiência muito singular da promessa” (Derrida 2001: 51)

² Optamos por seguir a sistematização que Boaventura Sousa Santos (1999: 76-80) apresenta acerca das racionalidades da Modernidade aludida na nota de rodapé anterior. Segundo o sociólogo, a Modernidade é um projeto sócio-cultural que permite a edificação de um conhecimento e de uma relação com o mundo de acordo com dois pilares: o pilar da regulação e o pilar da emancipação. No pilar da regulação, concorrem três princípios: o do Estado, o do Mercado e da Comunidade, cada uma destas figuras da Modernidade visa congregiar as existências individuais para, assim, forjar e regular as relações necessárias na constituição de mundo de estados, mercados e comunidades. O pilar da emancipação é composto por três lógicas de racionalidade: a racionalidade moral-prática da ética e do direito, a racionalidade cognitivo-instrumental da ciência e da técnica, e a racionalidade estético-expressiva da arte e da literatura; cada uma destas lógicas prevê uma estratégia de emancipação dos indivíduos face às condições que visam a sua regulação. A Modernidade, forjando uma dinâmica entre os princípios de regulação e as lógicas de emancipação, pretende, assim, desenvolver um projeto global de racionalização da vida social prática e quotidiana. Porém, cada um dos princípios e lógicas, sendo equacionados em abstrato, acabam por acolher uma vocação maximalista, criando desenvolvimentos díspares no modo como cada princípio ou lógica exerce a sua ação na vida dos indivíduos. Boaventura dá o exemplo do modo como o princípio de Comunidade se vê dominado pela ação dos princípios do Mercado e do Estado. Do mesmo modo que a hegemonia do princípio de Mercado faz crescer a ação da lógica cognitivo-instrumental, por exemplo.

³ Um alargamento das possibilidades de experienciar o passado que é visto com entusiasmo, como explicam Mauzio Forte e Stefano Campana (2016: vi):

“Everybody, in the next few years, will have the opportunity to blend the physical world with a sensory-rich “virtual” world where archaeologists can naturally and intuitively manipulate, navigate, and remotely share interpretations and case studies. Our understanding of archaeology will be taken to a new level, enhancing our capacity to develop interpretations and to present them to fellow specialists and to the general public as simulated scenarios in 4D. Rapid developments in ICT, including hardware and software for immersive environments, will even allow us to communicate and interact with one another through further cultural

experiences such as sound, smell, and tactile interfaces. The transformation of the traditional remote sensing in “something else” defines new borders for this research field and suggests a new methodological approach. “Polysensing” rather than “remote sensing” can better define this revolutionary approach. It is quite interesting to notice that archaeology plays as primary actor in this revolution because of its multidisciplinary character and mission. Welcome in the Age of Sensing!

⁴ Ver Nota de Fim nº 1, a propósito da relação entre a ontologia e a epistemologia na prática arqueológica.

⁵ A ênfase que aqui é dada à racionalidade estético-expressiva como estratégia de fazer a emergir a diferença dos vestígios tenta exceder a vocação maximalista e universalista da sua lógica referida por Boaventura Sousa Santos (*ibidem*, ver nota 2), ou seja, não se pretende que a experiência dos vestígios seja um projeto de esteticização. Com efeito, o que se propõe é uma vinculação entre as três lógicas de racionalidade que, partindo da ênfase na incomunicabilidade dos vestígios através da racionalidade estético-expressiva, do que de impossível existe no seu projeto de conhecimento, se revisite com liberdade crítica os projetos possibilitados pela racionalidade cognitivo-instrumental de forma a fazer justiça a essa incomunicabilidade; uma justiça que é da ordem da racionalidade moral-prática. Desta vinculação das três lógicas de racionalidade, talvez ocorra uma possibilidade de contrariar a sua vocação maximalista, na qual o sujeito perde a possibilidade de explorar o devir da subjetividade; desta vinculação, talvez haja a possibilidade de reavivar a chama da aporia em que nos coloca o encontro com uma zona de desconhecimento. Uma zona de desconhecimento outra que é também uma zona de exploração da nossa alteridade.

Nesta proposta, segue-se de perto o pensamento de Moisés de Martins (2011b) acerca do modo como as humanidades podem refazer o seu programa tendo em conta a filosofia do acontecimento. O autor, diagnosticando a crise da Modernidade e os perigos do absolutismo do discurso, o absolutismo da realidade e a mística da comunidade que ameaçam o mundo contemporâneo, defende que as respostas estéticas, éticas, tecnocráticas, formalistas e utópicas a tais perigos são apenas formas de cancelamento da crise. Em contrapartida, no pensamento crítico da contemporaneidade:

“a filosofia do acontecimento denuncia estas más respostas e deixa caminho livre para uma resposta política, que nos permita agir com tudo o que temos à mão, jogando-nos na historicidade do presente. Aliás, nada mais nos resta fazer diante da intimidação do presente, sabendo, que não somos garantidos por nenhum método universal, que nos possibilite apreender a totalidade do existente (Miranda, 1994). Nesta filosofia do acontecimento, que se decide numa resposta política à intimação do presente, apenas dois universais nos podem mobilizar: a ideia de liberdade e a justiça como seu efeito”. (Martins *idem*: 211)

⁶ O original, um sítio arqueológico, por exemplo, não é fixo na medida em que a sua emergência depende da ação dos arqueólogos; dos seus limites e possibilidade ação. Neste sentido é um original instável; uma instabilidade que se expressa nas aporias que acompanham a prática de cópia na qual se constitui.